

CARTA DOS POVOS DE TERREIRO DA REGIÃO 3 ATINGIDOS PELO ROMPIMENTO DA BARRAGEM DA VALE S.A. EM BRUMADINHO

PELO DIREITO À REPARAÇÃO INTEGRAL E JUSTA PARA OS POVOS DE RELIGIÃO DE MATRIZ AFRICANAS DA BACIA DO PARAÓPEBA!

Como é de conhecimento de todos, a ancestralidade nos pede que devemos buscar a sabedoria, a comunhão e a unificação de todos para com todos dentro de nossas diversidades, seja a diversidade religiosa, racial, cultural, dentre outros, de forma que se prevaleça a união e o respeito como referência às “leis divinas”.

Imaginemos um quebra-cabeça. Cada território atingido, representa uma parte deste quebra-cabeça. Se olharmos individualmente não enxergaremos o tamanho do desastre causado pela Vale S.A. No entanto, ao montarmos o quebra-cabeça, unindo todos os territórios atingidos, veremos o tamanho da catástrofe. Por este motivo reafirmamos que a união dos Povos de religiões de Matriz africana é importantíssima para alcançarmos o reconhecimento das autoridades.

No dia 21 de março de 2023, data em que é celebrado o **Dia Nacional das Tradições das Raízes de Matrizes Africanas e Nações do Candomblé**, instituído pela Lei 14.519/2023, e **Dia Internacional da Luta Contra a Discriminação Racial** (instituído pela ONU - Organização das Nações Unidas na luta pelos direitos da população negra), **nós, Povos de Religião de Matriz Africana**, pertencentes a terreiros de Umbanda, Candomblé e Guardas de Congado da região 3 atingida pelo rompimento da barragem da Vale em Brumadinho, viemos através dessa carta, solicitar as Instituições de justiça, o reconhecimento do nosso atingimento, tanto nos danos imateriais quanto nos danos materiais e acesso aos recursos do Acordo firmado entre Vale Governo de Minas Gerais, com destaque para os recursos dos anexos 1.2 do PTR - Programa de Transferência de Renda e 1.1 de projetos de comunidade, respeitando os direitos dos Povos de Religiões de Matriz Africana. Precisamos de pessoas que olhem com bons olhos e com o coração para nossas demandas, precisamos de um olhar diferente. Nós que somos de Religião de Matriz Africana, sofremos muito com esse processo, a gente já sofre muito preconceito e não seria diferente nesse processo e o apelo seria esse de olhar com um olhar diferente, com mais coração, com mais entendimento, colocando mais amor nesse processo. Convidamos também as IJs para conhecer nossas realidades e saber das nossas situações e depois saber sobre nossos direitos.



O que representa o Rio Paraopeba para Nós Povos de Terreiro

O Rio representa para nós povos de Terreiro a vida. O orixá é vida, então para nós é de suma importância, os rios, as lagoas, as matas, a terra que está em volta do rio, as plantas, pois tudo para nós é vida. Para nós do sagrado, a natureza bate junto com nosso coração, a gente sente o coração da água e de toda natureza, pois tudo para nós é sagrado. Então, para nós o rio é de suma importância, porque tudo é sagrado, o rio é sagrado, a lagoa é sagrada, o barro é sagrado, as plantas, as ervas, o ar que nós respiramos, toda forma de vida e nossos orixás e todas as divindades as quais cultuamos. O rio morreu, e ele era a essência de um Orixá chamada Oxum. O solo contaminado não permite o crescimento das ervas, logo afetou o nosso dono da Terra, Pai Obaluaiê, que é o dono da cura. Para nós, as ervas são de extrema importância, pois são nosso início, meio e fim. Precisamos delas para banhos, defumações, chás, precisamos dos grãos, precisamos de fonte de água limpa. Somos parte do universo que compõe, em sua maior parte, a água, nossa fonte de vida. A contaminação das águas pelos rejeitos da barragem impede que possamos extrair a essência da natureza.

A partir do momento que nós não podemos usar o rio, não podemos usufruir das ervas, das matas, da terra, do que está à nossa volta, a gente tem que buscar esses recursos em outro lugar. A gente precisa buscar um recurso mais longe, e isso gera gastos. As ervas que a gente encontrava, a gente tem uma certa dificuldade, hoje a gente tem que estar encomendando, está indo no mercado, muitas vezes não sabemos a procedência, porque uma coisa é eu tá ligado a natureza, saber onde encontramos nossas ervas, remédios. Estamos proibidos de ir ao Rio e o orixá não habita mais ali, então, a divindade não ali mais estar em um lugar sujo, poluído, destruído. Essa situação acaba fazendo com que a gente busque outros recursos, esses recursos acabam saindo caro, as despesas aumentam, o custo de deslocamento, gasto com ervas para rituais, etc.

Danos para os Povos de Religião de Matriz Africanas da Região 3

Com o desativamento do abastecimento do Rio Paraopeba para as cidades, eles reativaram poços pertos de ribeirões e água que chega aqui, nós não temos garantia do que tem nessa água. Então fomos prejudicados com relação ao acesso a água para nossos rituais e todas as atividades do terreiro. Muitas lideranças vivem da economia gerada nas suas casas, pois dedicam sua vida a isso. Assim, nós fomos atingidos de diversas formas, no imaterial e no material. No imaterial relacionado ao sagrado, aos nossos cultos, as nossas divindades, porque nós cultuamos a natureza como bem maior. Então, hoje nós estamos privados de usar o Rio Paraopeba, deixamos de



acessar o rio, as matas, o barro, a terra, as folhas, as ervas. Esses danos ao sagrado também acarretaram danos materiais, financeiros, pois os Povos de Religião de Matrizes Africanas, tem suas dinâmicas sociais e econômicas próprias e que também foram atingidas pelo rompimento. Os danos que a empresa criminosa causou à natureza, são danos que nos atingem diretamente. Todos os elementos da natureza fazem parte de nossas casas e terreiros. Depois do rompimento da barragem, o modo de vida, a subsistência, o trabalho, a renda, a tradição e a cultura estão morrendo, sem reparação e sem escutar o choro, a dor e o lamento dos Atingidos.

Nos terreiros são feitos atendimentos religiosos que contribuem na manutenção da economia de cada casa, sem falar nos filhos da casa que também contribuem financeiramente para manutenção dos terreiros. Antigamente não se comprava um defumador, nada relacionado a ervas, se comprava, hoje muita coisa tem que comprar, então afetou muito na parte financeira, pois o que se tinha com abundância, que poderia se buscar na margem do rio, hoje não podemos, então para onde temos que ir? Como exemplo, podemos falar das ervas e folhas sagradas que pegávamos na beira do Rio Paraopeba, após o rompimento temos que comprar, gastamos mais com transporte deslocando para outros rios mais distantes para realizar nossos trabalhos espirituais, muitos dos nossos filhos que trabalhavam com atividades ligadas ao Rio Paraopeba, como por exemplo na extração e venda de Iscas Vivas, como ocorre na região do município de Paraopeba e Caetanópolis, que também tiveram perda de renda, tiveram dificuldade de contribuir financeiramente para manutenção dos terreiros, tendo dano na parte financeira do terreiro.

Acesso aos recursos dos anexos 1.2 e 1.1

Diante dessa situação, de diversos danos sofridos, compreendemos que todos somos atingidos, quem está longe e quem está próximo do Rio e nós, por sermos Povos de Terreiro somos atingidos de maneira específica na nossa ancestralidade, identidade, práticas culturais, que incluem uma dimensão imaterial e material. Principalmente nós que entendemos o rio como parte dos nossos territórios, que fazia parte da manutenção das nossas vidas, do nosso axé. Desse modo, acreditamos que o acesso aos anexos do Acordo de Reparação da Vale com o Governo de Minas Gerais, como o anexo 1.2 do PTR – Programa de Transferência de Renda, precisa ser garantido a todos que pertencem aos Povos de Religião de Matrizes Africanas e que foram atingidos ao longo da Bacia do Rio Paraopeba, como ocorre conosco que estamos presentes na região 3. Entendemos a garantia do acesso ao PTR e recurso do anexo 1.1 como um direito, pois achamos que é o mínimo como uma forma de reparar os prejuízos e danos que nós tivemos. Achamos que tem que ter porcentagem de recurso específicos para os Povos de Terreiro.



Representação e Participação dos Povos de Religião de Matriz Africana na Reparação

Acreditamos, que nada melhor que pessoas nossas, para representar e buscar a reparação, nós, povos negros de terreiro mesmo. Porque quando falamos para irmãos que não entendem nada que cultuamos, eles podem nos desmerecer, ou não entender nossas linguagens, então tem que ser nossos povos de terreiro que façam o reconhecimento, certificação das questões relativas à reparação da nossa parte das religiões Afro. Acaba que quem não é da religião, não ver com os mesmos olhos, pensa que é só a natureza, mas a gente tem todo um sagrado em torno disso, que a gente cultua e a gente depende desse sagrado. As pessoas para avaliar os nossos projetos, tem que ter um bom conhecimento na área dos Povos de Religião de Matriz Africana, tanto dos PCTs, incluindo os povos de terreiro. Achemos que os nossos projetos de reparação têm que ser desenvolvidos e validados por nós, sendo que os primeiros projetos a serem avaliados sejam os nossos, que se tenha prioridade para os PCTs e povos de terreiro. Os projetos precisam ser avaliados por pessoas que entendam a nossa situação e conheça os direitos que pertencem aos Povos de Religião de Matriz Africana e os PCTs. Nós conhecemos melhor as demandas da gente, pois uma pessoa que não conhece nossa realidade não pode elaborar um projeto que beneficiará uma comunidade de PCTs ou de povos de terreiro.

*Terreiros de Umbanda, Candomblé e Guardas de Congado
Atingidos dos municípios da Região 3*

